Dia 17 — Santo Avito (Avy), Abade de Micy, Confessor

Foi Santo Avy filho de um pobre lavrador que, tendo nascido em Beauce, se estabeleceu no território de Orleans, e sua mãe foi também uma pobre de solenidade, que nasceu em Verdun e veio pedindo esmola; juntou algum dinheirinho e casou-se com aquele conterrâneo, de cujo matrimônio foi fruto nosso santo. Nasceu pelo fim do quinto século, e se assegura que em seu nascimento de repente se viu coberto o pobre quarto de um milagroso resplendor que deslumbrou todos os assistentes e chegou a atemorizar a parteira; maravilha que desde então se considerou como presságio da virtude com que aquele menino havia de resplandecer algum dia.

Seus pais, embora pobres, eram temerosos de Deus e assim se dedicaram a dar-lhe uma cristã educação. O belo natural do menino Avy e sua inclinação a tudo o que é bom, pouco regular nos dessa idade, o fizeram muito amável a quantos o conheciam. Nunca foram de seu gosto os entretenimentos pueris, e toda a sua diversão era fazer oração de joelhos no campo ou na igreja.

Uma virtude tão antecipada era digna de transplantar-se ao fértil terreno da religião. Tendo visto alguns monges da abadia de Micy, perto de Orleans, informou-se cuidadosamente do fim de seu instituto e da vida que professavam. A esta inocente curiosidade seguiu-se logo o desejo de imitá-los; e, passando a lançar-se aos pés do abade, suplicou-lhe que, se não o julgava digno de recebê-lo por monge, ao menos o admitisse por criado, protestando que se deixaria morrer à porta do mosteiro antes que voltar ao mundo.

Vendo o abade a humildade, a sinceridade e as vivas instâncias do fervoroso mancebo, resolveu dar-lhe o hábito. Era abade São Maximino, ou São Mesmin, o qual descobriu muito cedo o tesouro com que Deus havia presenteado sua comunidade. Mostrou-se o noviço tão simples e tão despojado de própria vontade que a santa simplicidade com que obedecia a todos deu assunto de riso e de diversão aos monges que abusavam dela. Tinham-no por um estúpido que, sem réplica nem resistência, se deixava conduzir como um bruto aonde o queriam levar; mas a verdadeira estupidez era a deles, pois não conheciam o espírito de Deus que governava o irmão Avy. Alguns poucos já chegaram a penetrar quanto valia sua virtude, e sobretudo o abade, que, enfeitiçado com o noviço e vendo os progressos que fazia na perfeição, nomeou-o ecônomo do mosteiro, sem atender a sua repugnância nem ao medo que lhe punham todo sinal de distinção e todo emprego honorífico.

Obrigava-o este ao cuidado das provisões e de manter os monges, o que o expunha a muitas murmurações e a não pequenas provas de sua virtude, por mais que fizesse para prevenir até as mais leves necessidades; mas o que suavizava o trabalho que tinha em cumprir perfeitamente com seu ofício era a ocasião que se lhe proporcionava de satisfazer sua ardente caridade com os

pobres, para cujo sustento e abrigo cerceava não poucas vezes de sua mesma ração e se despojava de parte de seu hábito, ainda antes de entrar no ofício. Fazia-se mais admirável esta caridade num procurador, e com ela atraiu as bênçãos do céu sobre o mosteiro, onde parecia que as coisas se multiplicavam. Com tudo isso, não cessaram as murmurações nem as queixas tão injustas como agras dos imperfeitos. Serviu-se o Senhor destas contradições para despertar nele os desejos que sempre havia tido de retirar-se à solidão para vagar só a Deus em algum espantoso deserto, e as distrações inseparáveis em seu emprego o confirmaram neste pensamento; pelo que, não duvidando que era de Deus, só tratou de retirar-se.

Tendo ficado numa noite na cela do abade, logo que o viu dormido meteu-lhe silenciosamente debaixo do travesseiro todas as chaves do ofício e retirou-se naquela mesma noite a um espesso bosque, não muito distante do mosteiro, onde fabricou uma celinha ou cabana com ramos de árvores e começou a viver numa profunda solidão, fazendo espantosa penitência. Quando o abade despertou para assistir às matinas, ficou estranhamente surpreendido ao ver as chaves de frei Avy debaixo de sua cabeceira.

Mas, como conhecia melhor que ninguém nosso santo, facilmente compreendeu a causa de seu retiro; e, não duvidando que o espírito de Deus o havia conduzido ao deserto, deixou-o gozar tranquilamente de sua amada solidão. Livre nela do molesto ruído dos negócios temporais, entregou-se aos excessos de seu fervor e aos rigores de uma penitência sem limites. Na esterilidade daquele deserto não encontrava outro alimento que folhas meio secas, frutas silvestres e algumas raízes amargas, que não contribuíam pouco para aumentar sua mortificação; mas adoçava o Senhor maravilhosamente estes santos rigores com o dom de contemplação que lhe concedeu, sendo sua vida quase uma oração contínua e o sono tão breve que apenas interrompia suas devoções.

Morreu neste tempo o santo abade Maximino e, como já todos os monges de Micy estavam desenganados e haviam deposto as preocupações que tinham contra o santo, todos de unânime consentimento o elegeram por seu abade e passaram a tirá-lo de sua solidão de Sologne. Mas era-lhe tão doce aquele seu amado retiro e gozava nele de tão celestial consolo que lhes custou o maior trabalho do mundo arrancá-lo do desterro e reduzi-lo a aceitar aquela superioridade. Às instâncias dos monges juntou-se a autoridade do bispo de Orleans e, sem que lhe valessem súplicas nem lágrimas, foi-lhe preciso obedecer. Abençoou-o o mesmo prelado no ano de 520; e, conduzido ao mosteiro, bastou só sua presença para ressuscitar nele a disciplina monástica em seu primitivo vigor, mudando muito cedo de semblante aquela comunidade com suas exortações e à vista de seus exemplos.

Mas fatigava muito este cargo a sua humildade: quantas mais honras lhe rendiam, mais ternamente se lembrava de seu querido deserto; por ele ansiava, por ele suspirava continuamente; e, conhecendo que, se voltava a Sologne, logo dariam com ele, resolveu esconder-se em algum lugar tão retirado que ninguém o pudesse encontrar.

Pareceu-lhe o de Perche muito acomodado a seu intento. Era um deserto horrível, distante de toda povoação, num bosque tão espesso e tão coberto de matagais que parecia absolutamente impenetrável. Levou consigo um de seus monges, animado do mesmo espírito; e, deixando sua

renúncia por escrito, retirou-se secretamente ao deserto de Perche.

Por mais que o buscaram, não se pôde adquirir notícia alguma de seu paradeiro, até que, tendo-se feito eleição de outro abade de Micy, soube-se finalmente onde estava Santo Avy, porque o descobriu o ruído de seus milagres.

Foi singular o sucesso com que Deus o manifestou. Tendo penetrado muito no interior do bosque dois porqueiros pastoreando seu gado, sobreveio a noite e com ela uma furiosa tempestade que os separou, sem poder juntar-se com a escuridão das trevas. Um deles, que era mudo quase desde seu nascimento, advertiu uma luz no meio do bosque acesa na choça de nosso santo; e partiu direto a ela para acender sua tocha de pinho. Santo Avy, que jamais havia visto pessoa humana naquele deserto, ficou altamente surpreendido quando viu diante de si um jovem que só lhe falava com movimentos e com gestos. Crendo a princípio que era algum espectro ou algum artifício do inimigo, fez-lhe o sinal da cruz; e, posto de joelhos, suplicou ao Senhor que lhe desse a conhecer se aquela visão era algum fantasma. Acabada a oração, voltou a fazer o sinal da cruz sobre o mudo, mandando-lhe em nome do Senhor que lhe dissesse quem era e que queria. Sentindo o pobre moço que se lhe havia desatado a língua e que Deus lhe havia restituído o uso dela, arrojou-se aos pés do santo e começou a gritar: «Milagre, milagre!» Contou ao santo em poucas palavras o que lhe havia sucedido; acendeu seu archote, despediu-se dele e começou a gritar com todas as suas forças chamando seu companheiro. Ouvindo-se este chamar por seu mesmo nome de uma voz desconhecida, ficou como atônito; mas foi maior seu assombro quando viu vir seu mudo, que aos gritos começou a contar-lhe o que lhe acabava de suceder, logo que chegou a lugar de onde podia ser ouvido.

Correu a fama deste prodígio e começou a turbar-se a quietude de nosso solitário, porque de todas as partes concorriam gentes a vê-lo e muitos nunca o quiseram deixar. Crescendo o número de seus discípulos, viu-se obrigado a edificar um mosteiro, que teve depois seu nome, no qual se renovaram aqueles assombrosos exemplos que se haviam visto no Oriente sob a conduta dos Antões e dos Pacômios.

Não obstante seu grande amor ao retiro, por vezes o obrigava a deixá-lo o maior bem dos próximos e o zelo da salvação das almas. Passando a Orleans, o magistrado mandou abrir as prisões e dar liberdade aos encarcerados por obsequiar o santo, fazendo-lhe estas honras em correspondência de seus milagres. Naquela cidade deu vista a um cego de nascimento; e o autor de sua vida diz que ouviu este milagre da boca do próprio cego.

Reinava em Orleans Clodomiro, o primeiro dos filhos que teve Clóvis em sua mulher Santa Clotilde. Valendo-se Santo Avy da confiança com que o príncipe o tratava, deu-lhe muitos conselhos tão saudáveis como necessários para a salvação de sua alma; singularmente lhe encarregou muito que tratasse com mais doçura e com maior equidade a Sigismundo, rei da Borgonha, e a seus filhos, que eram seus prisioneiros, prometendo-lhe da parte de Deus a vitória se lhes concedia a vida e prognosticando-lhe funesta sorte se os fazia morrer. Justificou o sucesso a profecia; porque Clodomiro foi morto pelos borgonheses um ano depois que tirou a vida a seu santo rei.

Embora Santo Avy perpetuamente vivesse recolhido dentro de seu interior e no meio das mais ruidosas ocupações nunca perdesse a Deus de vista, com tudo isso jamais deixava de retirar-se

todos os anos por alguns dias ao sítio mais solitário do bosque para vagar unicamente à contemplação. Achando-se num destes como exercícios anuais, morreu o monge que havia trazido consigo do mosteiro de São Mesmin. Foram prontamente dar notícia ao santo abade, o qual, voltando ao convento, não pôde conter as lágrimas ao ver no féretro seu querido discípulo. Pôs-se de joelhos, fez uma fervorosa oração a Deus; e, levantando-se de repente, cheio daquela viva confiança que o Senhor comunica a seus fiéis servos, disse ao defunto: «Eu te mando em nome de Deus onipotente que te levantes e que venhas conosco dar graças a Sua Majestade por esta nova vida que te concedeu.» A estas palavras levantou-se o defunto, arrojou-se aos pés do santo e, misturando-se com os demais monges, foi com eles à igreja dar graças ao Senhor. Facilmente se pode compreender a impressão que faria nos ânimos este milagre e o assombro com que se publicaria. São Lubino, bispo de Chartres, assegura que ouviu este prodígio da boca do mesmo monge ressuscitado, o qual sobreviveu muitos anos a nosso santo; mas o santo sobreviveu pouco ao milagre; porque, consumido pelo rigor de suas penitências e cumulado de merecimentos, morreu com a morte dos justos em seu mosteiro no dia 17 de junho de 530, sendo de idade de pouco mais de sessenta anos.

Houve um grande pleito entre os de Orleans e os de Châteaudun sobre a pertença do santo corpo e se ajustou a diferença repartindo-se as relíquias, cuja maior parte coube à cidade de Orleans, onde a cem passos dela se lhe ergueu um magnífico sepulcro, ao qual foram trasladadas com a maior solenidade. Voltando vitorioso da Espanha o rei Childeberto, fez edificar-lhe uma suntuosa igreja no sítio onde estava seu sepulcro, conhecendo que devia a vitória à proteção do santo. O mesmo fizeram os de Châteaudun num lugar onde veneravam suas relíquias, sem que até hoje se tenha esfriado a devoção dos povos a um santo tão insigne.

Santos Manuel, Sabel e Ismael, Mártires

Pelos anos 362, no tempo em que os persas se achavam numa sangrenta guerra com o imperador Juliano, o Apóstata, floresciam naquele reino Manuel, Sabel ou Sabélio e Ismael, filhos de um pai gentio e de uma mãe cristã, a qual procurou que os educassem na religião de Jesus Cristo e os instruísse nas santas Escrituras certo eunuco, presbítero, recomendável em ciência e santidade. Fizeram os três irmãos admiráveis progressos nas letras e na virtude sob a disciplina de tão insigne mestre, chegando a conciliar a estima dos persas por sua irrepreensível conduta e reto proceder.

Escreveu Juliano ao persa sobre a paz e, conhecendo aquele soberano que para ajustar os tratados não tinha ministros em seu reino de mais conhecida habilidade e consumada prudência que Manuel, Sabélio e Ismael, enviou-os a este efeito ao imperador, o qual, vendo-os jovens tão formosos e discretos, recebeu-os com toda a honra e guardou-os em sua companhia.

Ausentou-se Juliano de Constantinopla à província da Bitínia; e, tendo chegado a Calcedônia, dispôs uma grande festa aos deuses, mandando ao povo que lhes oferecesse sacrifício no lugar ou

templo dito Trigon. Concorreu alegre a multidão de infiéis a obedecer o preceito do imperador; e, vendo os três santos a preocupação de tantos miseráveis que rendiam enganados sacrílegas adorações aos demônios, penetrado seu coração da mais viva dor, rogaram ao Senhor que os conservasse constantes na fé, para que de modo algum se contaminassem com os erros dos idólatras.

Advertido seu ressentimento por um camareiro de Juliano chamado Árion, fez que os prendessem os ministros e apresentassem ao imperador, o qual, informado da causa, esquecendo-se das imunidades devidas aos embaixadores, mandou pô-los em prisão, com ordem de que, se não sacrificassem naquele dia, sofressem no seguinte a mais severa questão de tormentos. Desprezaram os santos tão injusto preceito; e com um semblante irado perguntou-lhes o imperador, logo que os teve em sua presença: «Acaso vos enviou vosso rei para que não celebreis comigo as festas de nossos deuses nem lhes ofereçais sacrifícios?» «Nosso soberano, responderam-lhe os santos, nos enviou a ti para que tratemos de paz, não para que nos obrigues a sacrificar aos ídolos. Nós somos professores da religião de Jesus Cristo, instruídos por um eunuco, admirável sacerdote, no conhecimento do verdadeiro Deus, criador do céu e da terra e de todas as criaturas, a quem só rendemos adoração.» «Idiotas de todo me pareceis, continuou Juliano, vindo a um imperador tão grande como eu.» «Não chames tais, replicaram os santos, aos servos de Deus, pois em sua presença apareceremos sábios, instruídos por aquele que nos tem dito nas santas Escrituras: que, quando estivermos diante dos reis e presidentes inimigos, não pensemos no que havemos de falar, pois o Espírito Santo nos ensinará o que convém dizer.» «Também eu li, seguiu o apóstata, vossas fatuidades e de nada me serviu esse Cristo de que falais; eu vos aconselho que vos separeis dele e sacrifiqueis aos deuses imortais, pois do contrário vos fazeis merecedores de requintados tormentos, sem que vos aproveite coisa alguma Cristo.» Então, cheios os três irmãos de um santo zelo, replicaram-lhe: «Ímpio e profano imperador, como te infatuaste em tais termos que, chegando-te todos os dias a semelhantes deuses, não os vês de todo mudos, sendo como são umas pedras, inanimados e domicílios dos demônios para enganar os homens?»

Arrebatado Juliano num extraordinário furor ao ouvir os discursos dos santos, disse-lhes: «Homens os mais infelizes dos mortais, como, recebidos por mim com tanta humanidade, blasfemais dos deuses e vos atreveis a chamá-los pedras? Eu farei por seu nome, propício para mim, que experimenteis seu poder.» Mandou, pois, lançá-los por terra e que os verdugos os açoitassem com a maior crueldade; mas, como os ilustres confessores de Jesus Cristo repetissem no meio daquele castigo: «Nós não sacrificamos às pedras inanimadas, mas ao verdadeiro Deus, que vive eternamente», mais irritado o apóstata ordenou que, pendurados num lenho, lhes rasgassem os flancos e cravassem uns cravos pelos calcanhares.

Postos no suplício clamavam os santos: «Senhor meu Jesus Cristo, que subistes ao lenho da santa e venerável cruz para salvar o gênero humano, não vos separeis de nós, salvai-nos destes tormentos que nos circundam, pois conheceis quão enferma é nossa carne para semelhante combate»; e, feita esta oração, assistiu-os um anjo do Senhor e aliviou seus trabalhos.

Mandou o tirano baixá-los do lenho e, querendo seduzi-los com brandura, afetando compaixão, disse a Sabélio e a Ismael: «Vejo que este vosso insensato irmão não assiste conosco a oferecer aos deuses, pelo que recebe a correspondente retribuição; mas eu presumo de vosso ingênuo

aspecto que vos portareis melhor.» Então os dois irmãos lhe responderam a uma voz: «Quem, príncipe ímpio, inimigo de Deus, com teu doloso raciocínio nos poderá separar de Jesus Cristo? Persuade a teus deuses que nos falem, se querem receber nosso sacrifício, e então lho ofereceremos prontamente.»

Enfurecido Juliano com a resposta, mandou aos verdugos que aplicassem tochas acesas aos flancos; mas, mantendo-se constantes em louvar e bendizer ao Senhor, voltado a Manuel, cego de cólera, disse-lhe: «Infelicíssimo e o mais miserável dos que contigo estão, sacrifica aos deuses clementíssimos, pois do contrário serás atormentado com severíssimos castigos.» «Não discorras, respondeu o santo, que poderás fazer que falte em algum de nós a esperança que temos posta em nosso Senhor. À vista temos sua santa cruz, que nos conduzirá ao fim a que aspiramos, e ao mesmo Jesus Cristo, que alivia nossas dores.»

Vendo o tirano a invencível fortaleza do santo mártir, mandou trazer três cravos e cravá-lo, um pela cabeça e dois pelos ombros; e que, conduzidos os três amarrados ao muro de Constantino, que olha para a Trácia, os decapitassem no lugar chamado o Precipício e logo queimassem seus corpos para que os cristãos não pudessem dar-lhes a honra da sepultura.

Tendo chegado os santos ao lugar do suplício, fizeram a Jesus Cristo uma fervorosa oração, suplicando-lhe que se dignasse livrá-los das mãos do ímpio apóstata e ilustrar aquele miserável povo com o conhecimento da verdade. Executou-se a sentença no dia 22 de junho pelos anos 362, mas dispôs Deus que se abrisse a terra no momento e ocultasse em seu seio os veneráveis corpos dos ilustres mártires para impedir sua combustão segundo o mandato do tirano. Fugiram os verdugos aterrados e converteram-se muitos gentios à vista daquele prodígio, o qual serviu de motivo para que os fiéis enterrassem os cadáveres com a correspondente honra.

Soube o rei dos persas o atentado de Juliano com seus embaixadores; e, voltando à guerra com mais ardor, vingando o céu as injúrias feitas por aquele apóstata aos cristãos, fez que perecesse miseravelmente.

Martirológio Romano

Em Roma, a festa de duzentos e sessenta e dois mártires que, tendo sido vítimas pela fé de Jesus Cristo na perseguição de Diocleciano, foram enterrados na antiga via Salária, na falda do Concombro.

Em Terracina, São Montano, soldado, que, depois de repetidos tormentos, recebeu a coroa do martírio no tempo do imperador Adriano e do varão consular Leôncio.

Em Venafro, os santos mártires Nicandro e Marciano, que perderam a cabeça na perseguição de Maximiano.

Em Calcedônia, os santos mártires Manuel, Sabel e Ismael, que, enviados junto a Juliano, o Apóstata, como embaixadores do rei da Pérsia para tratar da paz, e não querendo adorar os ídolos, como se lhes mandava, antes bem rechaçando com denodo semelhante proposta, foram passados a cutelo.

Em Apolônia, na Macedônia, os santos mártires Isauro, diácono, Inocêncio, Félix, Jeremias e Peregrino, atenienses, que, depois de haver sido diferentemente atormentados segundo ordem do tribuno Triporcio, foram por fim decapitados.

Em Amélia, na Úmbria, São Himério, bispo, cujo corpo foi trasladado a Cremona.

No Berry, São Gondulfo, bispo.

Em Orleans, Santo Avito, presbítero e confessor.

Na Frígia, São Hipácio, confessor, e São Besarion, anacoreta.

Em Pisa, na Toscana, São Raniero, confessor.

Em Marcenay, diocese de Langres, São Vorlo, confessor.

Na diocese de Léon, na Bretanha, São Hervé, exorcista, filho de Hiuardon, músico do rei Childeberto.

Em Avinhão, São Vrimo, bispo, sucessor de Santo Agrícola.

Em Châtillon-sur-Loire, no Nivernais, São Pozan, presbítero, varão de admirável singeleza.

Em Roma, em Sete Colunas, o martírio de São Diógenes.

Em Aquileia, Santa Musca e Santa Círia, mártires.

No Egito, São Prior, solitário, discípulo de Santo Antão.

Na Etiópia, São Nob, abade.

Missa (oração)

A missa é da dominga precedente, e a oração do santo é a que se segue:

> **Latim:** *Intercessio nos, quæsumus, Domine, beati Aviti abbatis commendet: ut quod nostris meritis non valemus, ejus patrocinio assequamur. Per Dominum*

> *nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos torne gratos a vossa Majestade a intercessão do bem-aventurado abade Avy, para que alcancemos por sua proteção o que não podemos por nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 2 da primeira do apóstolo São João.

1 João 2,15-17

> **Latim:** 15 Nolite diligere mundum, neque ea quæ in mundo sunt. Si quis diligit mundum, non est caritas Patris in eo : 16 quoniam omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum, et superbia vitæ : quæ non est ex Patre, sed ex mundo est. 17 Et mundus transit, et concupiscentia ejus : qui autem facit voluntatem Dei manet in æternum.

Português: 15 Não ameis ao mundo, nem ao que ha no mundo. Se algum ama ao mundo, não ha nello o amor do Pai. 16 Porque tudo o que ha no mundo, he concupiscencia da carne, e concupiscencia dos olhos, e soberba da vida: a qual não vem do Pai, mas sim do mundo. 17 Ora o mundo passa, e tambem a sua concupiscencia. Mas o que faz a vontade de Deos, permanece eternamente.

Nota

«Tem-se por certo que São João deixou de pôr seu nome em suas epístolas por humildade. A presente não tem inscrição, mas todas as suas cláusulas e todas as suas palavras estão respirando moção, doçura e suavidade. Segundo a expressão de São Gregório, cada sílaba é uma centelha, e o evangelista respira incêndios do divino amor.»

Reflexões

Si quis diligit mundum, non est charitas Patris in eo: o que ama o mundo não ama a Deus. Esta é uma verdade de fé que condena a muitos e que compreendem poucos; mas nem por isso é menos verdade. Não há coisa mais oposta à religião que o espírito do mundo; nenhuma mais contrária às máximas do Evangelho; nem sei que Jesus Cristo tivesse maior inimigo que o espírito mundano. Quase se poderia dizer que os mundanos pensam hoje da devoção e da religião, com pequena diferença, como os gentios pensavam em outro tempo do cristianismo; quase os mesmos erros, o mesmo desprezo, as mesmas burlas, a mesma irrisão e os mesmos ditos grosseiros. Não é tão cruel sua perseguição, mas não é menos viva. Se não está morta, está muito apagada a fé no coração e no espírito dos mundanos. A escandalosa burla com que muitos fazem chacota do mais santo e do mais sagrado; os ímpios discursos que se ouvem sobre os pontos capitais da religião; o desprezo com que se tratam as decisões e os preceitos da Igreja: tudo isto não prova muita pureza nem ainda muita firmeza na fé. Passam-se no jogo os dias e as noites; concorre-se com uma espécie de furor aos espetáculos profanos; e, se se veem algumas concorrências a tais ou quais funções sagradas, vão acompanhadas de mil irreverências e de mil profanidades. Oração tão indispensável aos cristãos, jejuns e abstinências de preceito, devoções tão importantes e frequência de sacramentos tão necessária, que lugar ocupais hoje no coração daquelas gentes que estão apoderadas do espírito do mundo? Quase se olha com lástima aqueles que se sujeitam a estas devoções; faz-se um alto desprezo da maior parte destes atos de religião; trata-se-lhes de devoções populares, de maneira que parece ser a irreligião o caráter dos mundanos. Não só se envergonham muitos do Evangelho, mas alguns, e não poucos, parece como que se honram com a dissolução; faltando pouco para que a modéstia e a virtude se qualifiquem por provas de vilania. No grande mundo não gosta de máscara a licença; com que descaro se faz pública gala de indevoto e de libertino! Reflexões tanto mais dolorosas quanto mais demonstráveis por maior número de fatos. Não haverá caridade tão cega ou tão excessiva que possa fazer outro juízo à vista do ar, dos discursos, da conduta escandalosa que se palpa nos partidários das máximas do mundo, inimigos declarados da moral e da conduta de Jesus Cristo. Mas, afinal, o mundo passa; essa orgulhosa, essa fera mundanidade cai por fim derrubada em terra; os falsos brilhos se apagam de repente; essas representações teatrais têm fim; a comédia só dura até o sepulcro. Então desperta a razão; volta a acender-se a luz da fé; restitui-se a religião à posse de todos os seus direitos; tira o mundo a máscara e faz-se justiça à virtude cristã; faz-se cada qual justiça a si mesmo; condena seus erros, suas extravagâncias e seus descaminhos; mas *venit nox, quando nemo potest operari* (Jo 9,4): vem a noite em que ninguém pode trabalhar. Se já se vai entrar na noite, será tempo de dar princípio ao trabalho?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,18-21

> **Latim:** [18] Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit. [19] Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret : quia vero de mundo non estis, sed ego elegi vos de mundo, propterea odit vos mundus. [20] Mementote sermonis mei, quem ego dixi vobis : non est servus major domino suo. Si me persecuti sunt, et vos persequentur ; si sermonem meum servaverunt, et vestrum servabunt. [21] Sed hæc omnia facient vobis propter nomen meum : quia nesciunt eum qui misit me.

Português: [18] Se o mundo vos aborrece: sabei que primeiro do que a vós, me aborreco elle a mim. [19] Se vós fosseis do mundo: amaria o mundo o que era seu: mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso he que o mundo vos aborrece. [20] Lembrai-vos da minha palavra, que eu vós disse: Não he o servo maior do que seu Senhor. Se elles me perseguirão a mim, tambem vos hão de perseguir a vós: se elles guardárao a minha palavra, tambem hão de guardar a vossa. [21] Mas elles far-vos-hão todos estes maos tratamentos por causa do meu nome: porque não conhecem aquelle, que me enviou.

Meditação

O espírito do mundo é sinal de reprovação

Primeiro ponto

Considera que nada há mais oposto ao espírito de Jesus Cristo que o espírito do mundo; opõe-se a todas as suas leis, condena seus conselhos, destrói todas as suas máximas e em certo sentido se pode dizer que o espírito do mundo é uma espécie de Anticristo; é o tirano dos servos de Deus, que estabeleceu seu trono e sua dominação em Babilônia; no mundo exerce despoticamente seu império este espírito absolutamente contrário ao Evangelho. Nele se observam escrupulosamente suas leis, fala-se sua língua, vive-se segundo suas máximas; mas, bom Deus, que máximas, que leis e que língua! Suas leis são as paixões, ou ao menos só a elas se consulta para publicá-las: concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, soberba da vida. Nisto se fundam, falando com propriedade, as leis do mundo; isto as inspira, isto as dita e este é o grande motivo de sua pontual observância. Julguemos agora se são conformes às leis do cristianismo.

Mas a língua do mundo, é muito cristã? Ela é o órgão de suas ideias e o intérprete de seus desejos. É a linguagem do mundo a jerga das paixões; e por isso não se entende a língua dos santos; as vozes da virtude e da devoção parecem gregas ou bárbaras aos mundanos. E à vista disto, admiramo-nos de que o Salvador do mundo reprove um espírito tão contrário ao seu?

Mas tuas máximas, quais são? Todas aquelas que condena Jesus Cristo; todas as que são mais diametralmente opostas às suas: ditames fieros e orgulhosos, ambiciosos projetos, cobiça

demasiada, amor-próprio sem limites, vinganças, artifícios, enganos, invejas, inimizades, nem têm outra origem nem reconhecem outra regra que as máximas do mundo; jogos, espetáculos, enredos, negociações e divertimentos: este é o caráter que distingue hoje quantos vivem segundo seu espírito. Coteja estas máximas mundanas com as do Evangelho; não pode haver contrariedade nem oposição mais sensível. Mas, se é indispensável viver segundo as máximas de Jesus Cristo para salvar-se, pode haver sinal mais certo de reprovação que seguir as máximas do mundo?

Não nos imaginemos que as máximas dos gentios foram outra coisa que um total desenfreio nos costumes; poucos deles deixariam de acomodar-se facilmente aos costumes, às máximas e ao espírito que reina hoje no que se chama mundo. Pois que sinal mais visível nem mais seguro de reprovação que seguir estas detestáveis máximas e viver segundo este espírito e segundo estes costumes?

Segundo ponto

Considera que basta uma tintura superficial de religião para conhecer e para palpar que o espírito de reprovação é inseparável do espírito mundano. Que conceito faríamos da religião cristã, ou que seria da mesma religião se, persuadidos do ponto capital de que para salvar-se é indispensável viver segundo suas máximas, víssemos que igualmente se salvavam os que viviam segundo outras totalmente contrárias a elas.

Ponhamos os olhos naqueles modelos de santidade, naqueles grandes santos cuja memória celebramos todos os dias. É certo que acharam o caminho real que guia direto ao céu; e as gentes do mundo seguem o mesmo caminho? Mas, se nos deslumbra o resplendor de tão brilhantes modelos, fixemos a consideração não mais que naquelas pessoas virtuosas, naqueles bons cristãos que lograram sua salvação. Cremos de boa-fé que a lograram governando-se pelas máximas do mundo? Achaste uma só palavra no Evangelho que favoreça o excessivo regalo, a demasiada delicadeza, a insaciável fome de riquezas e de passatempos, o espírito de vingança e de ambição? Numa palavra, acha-se nele uma só cláusula que possa dar alguma segurança aos que vivem em tudo segundo o espírito do mundo? Esta reflexão é concludente, é palpável; não haverá homem de entendimento e de juízo que não a assine. No meio disso, sendo tantos os que não reconhecem outra regra para seus costumes que a que o mundo lhes prescreve, em que consistirá que se vejam tão poucas conversões?

Ditosas aquelas almas privilegiadas a quem separou a divina Providência de um mundo tão pouco cristão; ditosos os que por profissão e por estado vivem segundo as máximas e as leis do Evangelho; mas é tão sutil o espírito do mundo que insensivelmente se desliza, se insinua e penetra até o mesmo santuário, até os claustros religiosos. Quanto nos importa estar sempre sobre aviso! Pode introduzir-se até nos claustros o espírito mundano, e não são menos perniciosos os objetos. Certo espírito de ambição, de indiferença, de frieza e até de aversão declarada, certo espírito de regalo, de comodidade e de conveniência própria sabem insinuar-se até nas celas mais estreitas; no mesmo deserto acha resquícios para entrar o amor-próprio, tomando todo gênero de figuras.

Que estragos não fazem nas searas estas raposinhas de que fala a Escritura, sobretudo quando trazem à cauda tições acesos! Não há coisa mais prejudicial a uma alma religiosa que o espírito do mundo, por mitigado, por disfarçado que esteja.

Extingui, Senhor, em mim até a mais leve centelha deste pernicioso espírito. Inspirai-me, infundi-me tão grande horror a ele que nada seja capaz de fazer-me envergonhar jamais de vosso Evangelho. Vossas máximas, ó divino Salvador meu, serão daqui em diante a única regra de meus costumes e de minha conduta; perdoai-me meus passados desacertos.

Jaculatórias

> *Filii hominum, usquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?* Sl 4.

Filhos dos homens, até quando há de durar essa insensibilidade de coração? Até quando haveis de amar a vaidade de que está cheio o mundo? E a que fim buscais solícitos vosso engano seguindo seu errado espírito?

> *Averte oculos meos, ne videant vanitatem.* Sl 118.

Apartai, Senhor, meus olhos das falsos brilhos do mundo, que só são engano e vaidade.

Propósitos

1. Para conhecer se estás possuído do espírito do mundo, examina se tuas obras se conformam com suas máximas e com suas leis. Não há mundano que não grite contra a injustiça delas; que não se queixe da servidão e da escravidão a que sujeitam suas máximas; continuamente se grita e se declama contra a tirania do mundo, mas ao mesmo tempo se lhe obedece e se o serve: conhece-se que é inimigo de Jesus Cristo, mas se o ama. Pela manhã à missa, pela tarde à comédia ou à ópera; agora prostrado e humilhado aos pés de Jesus Cristo, daqui a uma hora alvoroçando o mundo sobre um ponto de honra ou uma disputa de preferência: «Se Baal é vosso Deus, por que não o seguis?», diz o Profeta; mas, se o Senhor é unicamente vosso soberano dono, que maior impiedade que seguir a outro? Faze-te cargo não só da injustiça, mas da extravagância desta conduta e de hoje em diante resolve-te a ser verdadeiramente cristão, deixando de ser mundano verdadeiramente. Se até aqui não te envergonhaste de seguir as máximas do mundo nem de fazer ostentação de seu espírito, não te envergonhes daqui por diante de parecer religioso e devoto, nem te cubras do Evangelho. Não faças agora aquilo que infalivelmente hás de condenar na hora

da morte.

2. Não basta que teus ditames e tuas máximas sejam cristãs e piedosas; é mister ignorar até a linguagem dos mundanos. Guarda-te bem de aplaudir as máximas, os abusos e as modas que reprova o cristianismo. Jamais cites os estilos do mundo em tom de quem autoriza suas desordens. Causa compaixão ouvir dizer a um cristão: «O mundo pede isto; assim o quer o mundo; isto é do gosto e aprovação do mundo.» É impiedade, é coisa extravagante que o espírito do mundo haja de servir de regra aos costumes dos cristãos. Condena de cara descoberta suas máximas e jamais dês quartel a seu espírito. Destoa, escandaliza numa pessoa religiosa louvar o bom gosto de um traje, o garbo de uma mulher, mostrando inclinação à profanidade e ao desembaraço. E que escândalo seria se as casas religiosas, que são o asilo da virtude cristã, se convertessem em escolas públicas de mundanidade! Seria a abominação da desolação no lugar santo se as donzelas cristãs aprendessem nos conventos a brilhar no mundo. Grande desdita se as religiosas inspirassem nas ternas donzelas aqueles ares mundanos, aquele gosto fino e delicado no vestir, no enfeitar-se, no menear-se, etc. Certamente nenhuma coisa desacredita mais uma comunidade religiosa que ver sair de suas mãos suas pupilas embebidas no espírito do mundo, cheias de orgulho e de vaidade.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:21 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:21 by Admin